

Artur Manso
Luís Pereira

**EDUCA
O TEU FILHO E
FORMA-O BEM**

**PARA QUE NÃO TE ABORREÇAS
COM A SUA INSOLÊNCIA**

estrategias criativas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PARTE 1	
ESCOLA, CONHECIMENTO E CULTURA	13
A metamorfose do espaço público	15
A educação que temos e a educação que queremos	31
A utilidade do inútil	47
PARTE 2	
EDUCAÇÃO, ÉTICA E VALORES	61
A difícil problemática dos valores	63
A pedagogia da autonomia	73
A ética como questão e tarefa	86
CONCLUSÃO	95
BIBLIOGRAFIA	97

INTRODUÇÃO

*A terra nunca se parece tanto com o Inferno como quando
os seres humanos tentam fazer dela o céu*
Friedrich Hölderlin

*É urgente acabar com a hipocrisia do mundo moderno e regressar à sinceridade
grega: ser conviva dum banquete universal, e fazer por pensar bem durante ele*
Miguel Torga

Este ensaio insere-se no campo da Pedagogia Crítica e Filosofia da Educação e pretende por mais a claro os impasses de uma escola que absorve a melhor parte da vida de cada um, agora completamente submetida à massificação da informação e ao império das redes sociais, muito perto de universalizar a inteligência artificial com a aparente ilusão de que essa inteligência será mais do que aquilo que é: apenas artificial. Aos mais informados não resta qualquer dúvida que num futuro próximo os seres fabricados viverão lado a lado com os humanos, de forma quase indistinta, mas também lhes parece que essa inteção não sobreviverá ao crepúsculo do último homem. De uma coisa temos a certeza: o mundo de hoje, no quotidiano, nada tem que ver com a realidade de há uma década atrás e ainda não sabemos tudo! Em pouco tempo a realidade será mais complexa e mesmo que tendencialmente a pensemos como radicalmente nova, tal originalidade é apenas uma continuidade, pois o que mudou foi a *aceleração* do tempo. Os requisitos que permitiram o mundo de hoje são copresentes aos existentes, mas por ignotos motivos, foram-lhes sendo revelados em momentos e circunstâncias particulares. Desde a transformação que a roda permitiu até aos atuais algoritmos, dos caçadores-recoletores até à era espacial, do ingénuo naturalismo experimentalista à realidade virtual e inteligência artificial, não há nada de novo de baixo do céu. As mudanças que demoravam séculos são agora quase diárias e tanto os indivíduos como as sociedades mostram-se confusos na maneira de lhes responder pois foram instruídos e continuam a ensinar a viver numa

realidade que já não existe. E não devia ser assim pois já Camões (1524-1580), quando os portugueses, no período dos descobrimentos, iniciaram a globalização, andando por todos os lugares da terra e convivendo com a multiplicidade dos seus povos, escrevia: “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades / Muda-se o ser, muda-se a confiança: / Todo o mundo é composto de mudança, / Tomando sempre novas qualidades”, seguindo Heráclito de Éfeso (540 a.C. – 470 a.C.) que muitos séculos antes acentuava *nada ser permanente exceto a mudança*, e “ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas que já serão outras”.

Na primeira parte do ensaio desenvolvem-se e complementam-se reflexões anteriores que já tivemos oportunidade de apresentar publicamente onde discutimos estas temáticas e na segunda reflete-se sobre as atuais especificidades da ética que serviu para fundamentar as ideias em torno da vivência e do ensino dos valores na formação de indivíduos autónomos e cidadãos responsáveis, aproveitando, também, o ideário exposto em reflexões anteriores. Desta forma, pretendemos tornar acessível a todos os interessados um ideário que normalmente é sumariamente apresentado em fóruns da especialidade cada vez mais dominados pelo politicamente correto e por isso com pouco ou nenhum espaço para o exercício do debate e da crítica. As posições aqui assumidas em torno da atualidade do ensino e da formação, são acompanhadas de propostas que nos parecem possíveis de ser equacionadas ante o novo paradigma educativo e respetivo recentramento ético-valorativo que a atualidade reivindica, tendo sempre presente a realidade nacional, uma vez que o sentido da educação é universal, mas as realidades nacionais variam entre si.

1

ESCOLA,
CONHECIMENTO
E CULTURA

A METAMORFOSE DO ESPAÇO PÚBLICO

*Não é a aparência, é a essência; não é o dinheiro,
é a educação; não é a roupa, é a classe.*

Coco Chanel

O desejo mais impressionante do homem nunca deixou de ser aquele que revela o oráculo de Delfos, *conhece-te a ti mesmo*, que se veio a tornar referência máxima da ação de Sócrates (c. 470 a.C. – 399 a.C.). Com preocupações semelhantes, o ainda mais racionalista Aristóteles (384 a.C – 322 a.C.) inicia a sua *Metafísica* com o reconhecimento de que “Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer” e a partir dessa ambição tentam perceber a razão de ser daquilo que é visível e do que é invisível, procuram dar sentido e significado àquilo que os rodeia e lhes marca a experiência, pois, ainda nas palavras de Aristóteles, “O começo de todas as ciências é o espanto de todas as coisas serem o que são”. São o que são, independentemente de quem as observe e do significado que lhes venha a atribuir, pois o ser das coisas não depende da circunstância dos indivíduos, mesmo que se deixem percorrer e classificar por um sem número de ciências que particularizam a realidade para a tornar o mais objetiva possível. A evolução racional da humanidade tem levado o progresso a níveis verdadeiramente incríveis desde a idade da pedra à era digital, com realizações humanas impressionantes que servem para convencer o homem de que se basta a si mesmo.

Contudo, o progresso nunca deixou de ser acompanhado por frequentes intermitências de verdadeiro horror de que são exemplo, mais perto de nós, as duas grandes guerras ocorridas num curto espaço de tempo, cujo corolário de bestialidade foi o Holocausto. É frequente os povos esgotados pelo horror e destruição, indignarem-se com tamanhas atrocidades, mas a verdade é que as selvajarias são copresentes à humanidade. A destruição em massa abrande por algum tempo, mas, verdadeiramente, nunca cessa. O holocausto ocorreu quase a meio do século XX, para logo em finais da outra metade acontecer o conflito dos Balcãs com massacres inimagináveis de povos até então

respeitadores das diferenças e o século XXI começou por se impor com os crimes contra o capitalismo e a mentalidade laica que a Al-Qaeda, em nome de um deus que crê ser o único e o verdadeiro, não se cansa de alimentar. E que crimes! Lançar aviões cheios de pessoas contra edifícios habitados, usar indivíduos e crianças inocentes como armas ambulantes que se fazem explodir no meio da multidão... e ante as atrocidades que se repetem, as pessoas de boa vontade em todas as épocas e lugares, onde o ódio se torna em mandamento único, vão-se interrogando: que esperança para a humanidade? Como tornar o mundo num lugar aprazível, onde todos usufruam do progresso conseguido? Como fazer da diferença e da divergência os pilares de uma sociedade solidária e fraterna? O tempo vai e o tempo vem mas o Homem, apesar de todo o progresso, continua o mesmo: arrogante e trapaceiro, fazendo do sucesso individual o padrão da sua razão de ser. Para que cada um se entenda enquanto ser humano é, antes de mais, necessário que no seu interior floresça a ideia de que tudo é precário e perecível e a bondade só poderá despontar na sua simplicidade e pureza com a extinção do princípio da individuação. A mudança interior de cada um é o suporte para qualquer renovação exterior que venha a acontecer.

O tempo que corre consagrou a universalidade da educação sacrificando em todo o percurso a cultura que forma os indivíduos à ciência e técnica que transformam a realidade. No essencial, sacrificou o ser ao ter, mesmo que, hipocritamente, as políticas educativas continuem a alimentar a ideia de que nunca a cultura esteve tanto nas preocupações das políticas públicas da educação, desde o início da escolaridade até ao seu termo, entenda-se nos atuais sistemas educativos desde a idade dos 3 até cerca dos 25 anos, aproximadamente um quarto de século. E agora já nos vêm dizendo que a escola é para toda a vida! A realidade educativa portuguesa, seguindo o mesmo caminho da congénere ocidental, promove uma educação abstrata, baseada numa falsa ideia de democratização que confunde o lúdico com a razão de ser do conhecimento e do saber, ao serviço de uma formação virada para a competitividade individualista que é agressivamente facultada pela educação técnico-científica, relegando as humanidades e as artes para a obscuridade. A liberdade de ensinar e de aprender é, como sempre foi desde que os Estados tomaram conta do ensino e da formação, um princípio com pouca ou nenhuma ligação à realidade e como tão bem caracterizou em 1987 Allan Bloom (1930-1992) o que alastra nas nossas escolas, é uma espécie de *cultura inculta* que com o passar dos anos se torna quase nada culta e, nos recortes aqui tratados, quase toda

ignorante. Se ao tempo, o pano de fundo da sua reflexão era a realidade de um novo país, os Estados Unidos da América do Norte, depressa essa disposição alastrou para toda a velha Europa. Agostinho da Silva, quando nos anos de 1960 passou uns tempos a lecionar em diversas e prestigiadas universidades americanas, na segunda parte da *Vida conversável*, acaba por corroborar a ausência do ensino das humanidades e o desinteresse pelas mesmas, na generalidade da Nação:

a América não me fez impressão absolutamente nenhuma, é uma coisa de supermercados muito bem organizados, inclusive as universidades. São supermercados excelentes: ali as pessoas têm todos os recursos que querem, podem desenvolver o que quiserem, mas suponho que não se fez aquilo que seria mais importante – uma filosofia de vida humana –, que não se faz ali nenhuma descoberta sensacional. De facto, nas várias técnicas sabem muito; são muito eruditos, têm tudo ao seu dispor, mas não parece que seja uma coisa realmente muito interessante (Silva, 2018: 263).

A escolarização foi tomada pelos Estados que paulatinamente a transformaram, em todos os níveis de ensino, em simples estrutura de formar trabalhadores mais ou menos qualificados, alimentando a ideia que basta falar de cultura e de valores para esses conceitos serem aprendidos e apreciados por todos. De forma menos compreensível, o Estado submeteu a quase totalidade do ensino particular e cooperativo aos mesmos ditames, pois a quem não seguir a lei geral, o paralelismo pedagógico que tanto jeito dá aos detentores das escolas, será de imediato retirado e o negócio posto em causa. O ensino e a educação sob o signo da democracia tornou-se homogêneo e acrítico, mesmo que sob as parangonas de formar indivíduos autónomos, livres e essencialmente críticos. É um facto que a universalização do ensino em todos os graus veio criar igualdade de oportunidades a um grupo cada vez maior de indivíduos, pois a escolarização serve para obter uma formação que aumenta as oportunidades de arranjar um emprego melhor remunerado. Não fora essa particularidade, como revelam as opiniões de uma parte significativa daqueles que concluem uma formação superior, não haveria tanto empenho para obter um diploma. A educação ou a instrução, que agora significam a mesma coisa, são consideradas um bem, não por nos tornarem melhores pessoas mas porque nos permitem uma vida material mais desafogada. Era nesse reconhecimento que Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz escreviam nas *Farpas*: